

INSTITUTO  
 Documentação  
 SOCIOAMBIENTAL  
 Fonte: *Época*  
 Data: *9/10/2000* Pg *86-87*  
 Class. *341*

**LUX JORNAL**

Revista Época – Brasil

Pág.: *86*

Publicado: *09 / 10 / 00*

30	190	996		

**AMBIENTE**

**CINEASTA POLÊMICO**

Dutilleux tornou-se amigo de Raoni no início da década de 70. Conheceu o Xingu com a ajuda dos sertanistas Cláudio e Orlando Villas Bôas. Ciceroneou o índio no Louvre (foto)



**AMAZÔNIA**

# O pajé belga do Rio Xingu

Quem é Jean Pierre Dutilleux, cineasta que há três décadas ganha fama e dinheiro explorando a imagem de Raoni e outros índios brasileiros

CARLOS ALBERTO JR., DE BRASÍLIA

O cineasta belga Jean Pierre Dutilleux tem o nome ligado às causas indígenas. Nos anos 70, produziu o documentário *Raoni*, biografia romancada do líder caiapó. Narrado pelo ator Marlon Brando, foi indicado ao Oscar e exibido no Festival de Cannes, além de ter recebido três kikitos de ouro no Festival de Gramado de 1979. Há mais de duas décadas Dutilleux ganha dinheiro explorando a imagem de nativos do Brasil, da Nova Guiné e das Filipinas. Em 1989, organizou a viagem do

roqueiro inglês Sting pela Amazônia e apresentou-o a Raoni. Formou-se uma parceria improvável. Graças aos contatos de Dutilleux, roqueiro e cacique saíram em turnê mundial para denunciar a destruição da floresta e o desca-

so brasileiro com as populações indígenas. Do encontro resultou a Fundação Mata Virgem, criada com o objetivo de obter recursos para demarcar áreas indígenas. O cineasta voltou ao cenário dos conflitos em julho. Um grupo de caiapós liderado por Raoni seqüestrou e saqueou 15 turistas que pescavam no Rio Xingu. Sob a mira de espingardas, os pescadores surpreenderam-se com a presença de estrangeiros entre os índios. Dutilleux era um deles. "Estou aqui para resolver a zorra que vocês, brasileiros, fazem na Amazônia", anunciou o belga aos reféns amedrontados.

A presença de Dutilleux no cenário fora autorizada pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Ele se apresentara como representante da embaixada francesa para escolher a área do futuro Instituto Raoni, financiado pelo governo francês. No início de 2000, Dutilleux estivera no Xingu sem o conhecimento da Funai.

**EMBAIXADOR**

Em maio, o cineasta promoveu um encontro em Paris entre Raoni e Jacques Chirac. O presidente francês prometeu verba para a criação do Instituto Raoni, um projeto social para os caiapós



									5

### AMBIENTE

## Governo investiga pesquisas na selva

### Livro levanta polêmica sobre o trabalho dos antropólogos

As acusações feitas pelo jornalista Patrick Tierney no livro *Darkness in El Dorado* ("Trezas no Eldorado") provocaram reação da Funai. A entidade fará um levantamento das pesquisas realizadas pelo geneticista americano James Neel e pelo antropólogo Napoleon Chagnon com os índios ianomânis na década de 60. Como os arquivos não são informatizados, serão necessários alguns dias para encontrar as propostas de trabalho feitas pelos dois ao governo brasileiro.

Professor emérito da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, nos Estados Unidos, Chagnon só voltará a falar sobre o assunto quando terminar de ler o livro. Ele criou um site na internet para rebater as denúncias e processará o jornalista caso se considere prejudicado.

Tierney acusa o antropólogo de ter encenado brigas entre os ianomânis para comprovar a teoria de que os índios travam lutas mortais para selecionar os mais fortes. Como resultado, segundo o jornalista, ocorreram matanças reais. Neel morreu em fevereiro deste ano. É acusado no livro de haver inoculado uma vacina ineficaz contra sarampo nos índios. Numa epidemia, 20% dos ianomânis morreram.

*"Não vamos mais permitir a entrada de Dutilleux em áreas indígenas. Precisamos aumentar o controle sobre a presença de estranhos nas reservas indígenas brasileiras"*

**GLÊNIO DA COSTA ÁLVARES,**  
presidente da Fundação Nacional do Índio



O belga filmou a agressão de Raoni aos pescadores e cedeu as imagens para emissoras de TV do mundo inteiro. "É um desserviço à causa indígena", diz o presidente da Funai, Glênio Álvares. "Dutilleux não nos representa", afirma Yves Lo-Pinto, adido de imprensa da Embaixada da França em Brasília.

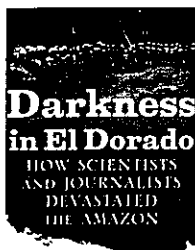
Entre 1977 e 1982, Dutilleux cruzou o mundo num veleiro. Trabalhou como assistente do diretor grego Konstantinos Costa-Gavras no Chile e desembarcou na Amazônia para filmar a vida de Raoni. "Tenho paixão pelos índios brasileiros", assegura. Criado na região da Floresta Negra, fronteira da Bélgica com a Alemanha, diz que sonhava com a maior selva do mundo. "Querida conhecer as pajelanças da Amazônia."

Aos 51 anos, Dutilleux mora em Paris e preside a Fundação Selva Virgem, criada para defender interesses indígenas. Escreve o quinto livro sobre o assunto e negocia com a TV a exibição da série *O Mundo Tribal de Jean Pierre Dutilleux*, sobre os problemas das etnias mais ameaçadas do planeta. Na internet, vende fotos de caiapós brasileiros produzidas nas viagens à Amazônia. Ca-

da uma custa US\$ 150. A procuradora-geral da Funai desconfia do negócio eletrônico. "Se for verdade, vamos exigir indenização", diz a procuradora Tânia Barreto. O cineasta não se considera um espertalhão. "Não recebo nada pelas fotos nem fiquei rico."

As conversas entre Raoni e Dutilleux são em português e caiapó, dois dos seis idiomas dominados pelo belga. Além de francês, ele se comunica em espanhol, italiano e indonésio. O cacique faz as ligações internacionais para o amigo europeu do posto da Funai em Colíder, em Mato Grosso. São autorizadas por Megaron Txucarramãe, chefe da entidade na região e sobrinho de Raoni. Ambos consideram o belga um defensor das causas indígenas. "Os dois recebem 10% dos direitos autorais do filme", garante o cineasta. Megaron confirma a existência da conta numa agência do Banco do Brasil em São Paulo, mas nega a comissão. "Nunca recebemos nada", diz. ■

**DENÚNCIA**  
Chagnon (com ianomânis) é acusado de abusar de índios brasileiros e venezuelanos



PATRICK TIERNEY



Rio de Janeiro (11) 215-5656

**MÍDIA**  
Raoni aparece de quepe militar em gravação feita por Dutilleux, a pedido dos índios, durante o seqüestro dos pescadores



Brasília (61) 223.0249

São Paulo (11) 3326-0188

212